

Rap de quebrada: A territorialidade das letras do Hip-Hop em Anápolis-GO

Rap from “quebrada”: The Territoriality of Hip Hop Lyrics in Anápolis, GO

Taniele da Silva Brito. Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela UEG, Brasil. Mestranda em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado – PPGS-TECCER-UEG, Brasil.
E-mail: taniele.brito@aluno.ueg.br

Milena d’Ayala Valva. Doutorado em Projeto Espaço e Cultura pela FAU-USP, Brasil. Professora no curso de Arquitetura e Urbanismo e no PPGS-TECCER-UEG, Brasil.
E-mail: milena.valva@ueg.br

Luma Figueira da Silva. Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, UEG, Brasil. Bolsista UEG, Brasil.
E-mail: lumaf.gue.ra@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O movimento Hip-Hop está presente no cotidiano de muitas pessoas em diversos lugares do mundo e possui a importante função social de denunciar as inúmeras injustiças presentes em nossa sociedade, amplificadas pelos processos capitalistas e excludentes, bem como pelos diversos recortes discriminatórios, sejam eles culturais, sociais ou raciais.

A forte relação do movimento Hip-Hop com o espaço público e as interações sociais que ele promove, tem suas raízes na influência jamaicana sobre a arte e a cultura, que se iniciou na década de 1960, como aponta Santos (2017, p. 16). Essa influência foi levada por imigrantes jamaicanos e caribenhos para os subúrbios de Nova Iorque na década de 1970, popularizando-se no Brasil na década de 1980 (Costa; Menezes, 2009).

As raízes dos povos negros estão presentes no modo de viver e de se apropriar do espaço público, elemento primordial para as interações sociais desses corpos. Com o tempo, enfrentaram a marginalização de suas culturas e manifestações, muitas vezes ligadas também a segregação socioespacial, encontrando no hip-hop uma forma denunciar as opressões e ao mesmo tempo uma ferramenta de organização e de reconhecimento de suas raízes e construção de suas identidades, como aponta Cazé e Oliveira (2008).

No contexto brasileiro, não foi diferente. Os artistas exploram e denunciam suas experiências, muitas vezes relacionadas às violências em suas respectivas realidades urbanas.

Quem é de favela sempre isolamento
Dos sonhos que tenho distanciamento
Seu rosto, sua roupa, meu drip do centro
Já sei, copiaram meu drip no centro
O justo e pobre nessa terra morre
A mente brilhante de um ser cantante

Abraçar minha irmã já não tenho mais tempo
Sem ouro e sem prata, talento é fermento
Eu 'tô puro ódio, revolta no pódio
Futuro rasgado, 'cês 'tão entendendo [...]
Favela não vence, tamó no veneno.
Música Cleane – (Criolo 2021)

Os estudos acerca do movimento hip hop e das ações que vêm demonstrando sua força e relevância tem sido cada vez mais presentes, sobretudo nos meios de comunicação atuais no contexto nacional. Na cidade de Anápolis-GO, onde o movimento hip-hop é a manifestação analisada, existe uma lacuna com relação aos estudos que tenham o movimento hip-hop no centro do debate. Um movimento, presente em Anápolis desde a década de 1980, se consolida com a forte influência do rap na década de 1990 (Souza, 2023), o que reforça a importância de investigar e evidenciar esta manifestação de “quebrada”, muitas vezes invisibilizada e estigmatizada.

O rap é uma importante ferramenta histórica para denunciar as violências raciais, e as desigualdades sociais cotidianas que os grupos marginalizados¹ enfrentam nas relações sociais construídas pela classe dominante, como aponta Oliveira (2020). Para além de ser um instrumento de denúncia, o rap, com suas rimas, poesias e vertentes, desempenham um papel social fundamental na vida da juventude periférica.

Esta pesquisa busca destacar a relevância do movimento hip-hop com um recorte do elemento rap, um dos pilares do movimento. Este recorte inclui a identificação e o mapeamento das letras de rap, bem como seus rebatimentos e representações no território, além das batalhas de rima que ocorrem nos espaços públicos. O foco está nas poesias de “quebrada” na cidade de Anápolis, nas batalhas de rima e nas letras de rap, suas territorialidades e as vivências cotidianas das manifestações do movimento hip-hop.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Abordagem metodológica

Como ponto de partida para o mapeamento dos espaços públicos com uma abordagem qualitativa, a metodologia de análise se baseia na perspectiva proposta por Ferrara (1999), que sugere observar a cidade e as vivências do dia a dia a partir da percepção do usuário, aquele que habita e molda o espaço cotidianamente. Através de visitas e interações com os corpos do movimento Hip-Hop, foi possível captar uma compreensão mais aprofundada de seus processos de organização e ocupação territorial.

Este mapeamento busca compreender os relatos presentes nas músicas dos artistas do rap, tanto nas batalhas de rima quanto nas músicas gravadas, e identificar em quais aspectos essas letras refletem a vivência no território. Foram feitos dois mapeamentos: o primeiro mapeamento buscou identificar a territorialidade das batalhas de hip-hop nos espaços públicos. Este foi realizado através de visitas de campo nos parques onde ocorrem as batalhas, sendo mapeados oito locais onde ocorrem as batalhas em diversas regiões da cidade, e identificando suas relações com a centralização das atividades na Casa do Hip-Hop.

O segundo mapeamento baseou-se em um levantamento de dezoito transcrições de letras de rap de autores de Anápolis, com o objetivo de tornar visíveis as principais narrativas

¹ Existe um movimento de resignificação do termo “marginal” como retratado no documentário “Arte Marginal” (2024) da diretora Alba Caldas, que retrata diversas manifestações culturais em Anápolis incluindo o Movimento Hip-Hop.

exploradas nas composições. As porcentagens indicadas refletem a frequência dos temas abordados nas letras, oferecendo uma visão abrangente das preocupações, vivências e perspectivas retratadas pelos artistas locais.

2.2 O percurso das batalhas

A análise começa com a identificação e mapeamento das manifestações culturais presentes nos espaços públicos da cidade de Anápolis. A partir disso, percebe-se uma presença constante das batalhas de rima nesses espaços.

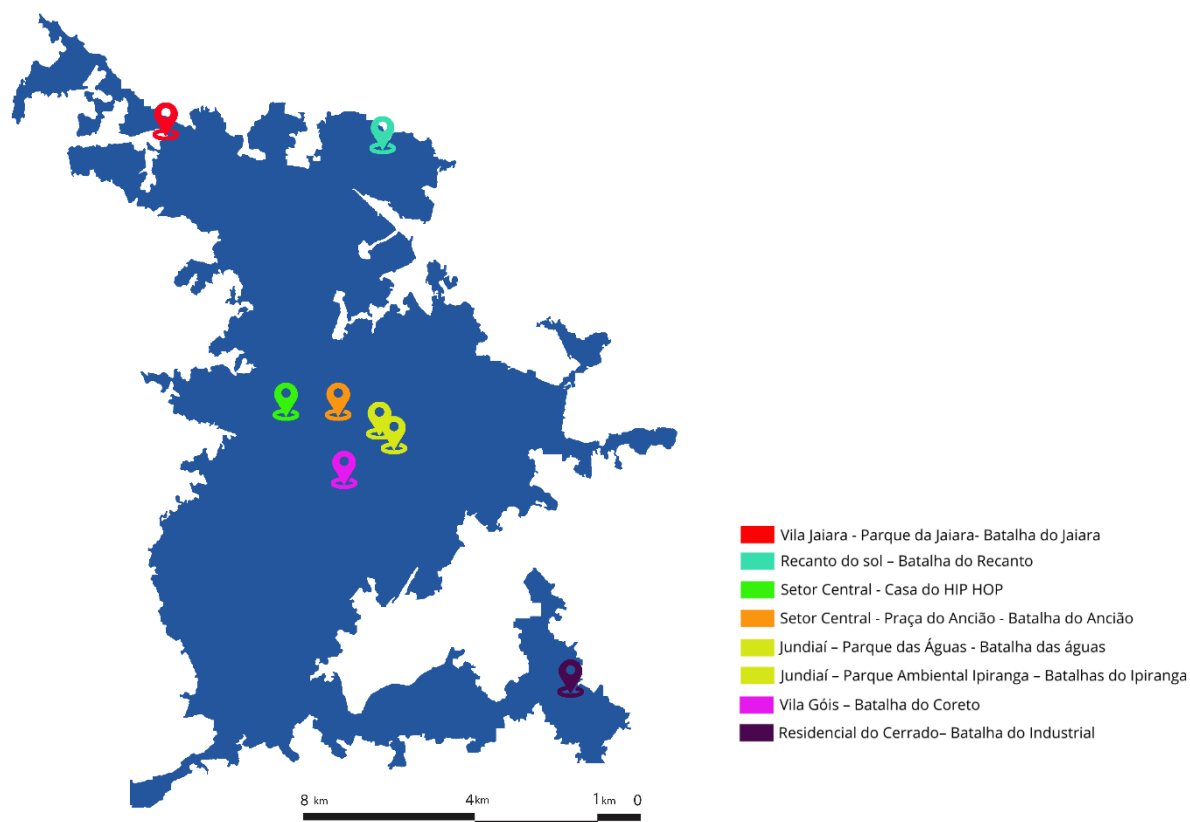
Figura 1: Mapeamento dos espaços públicos na cidade de Anápolis



Fonte: Autor (2023)

Neste primeiro mapeamento, é interessante notar que alguns espaços se destacam pela relevância como espaços públicos. Ao mesmo tempo, uma análise mais detalhada das localidades onde ocorrem as batalhas revela a presença de outros espaços igualmente significativos, sobretudo próximos ao limite do município, reforçando o esforço do grupo em descentralizar as batalhas.

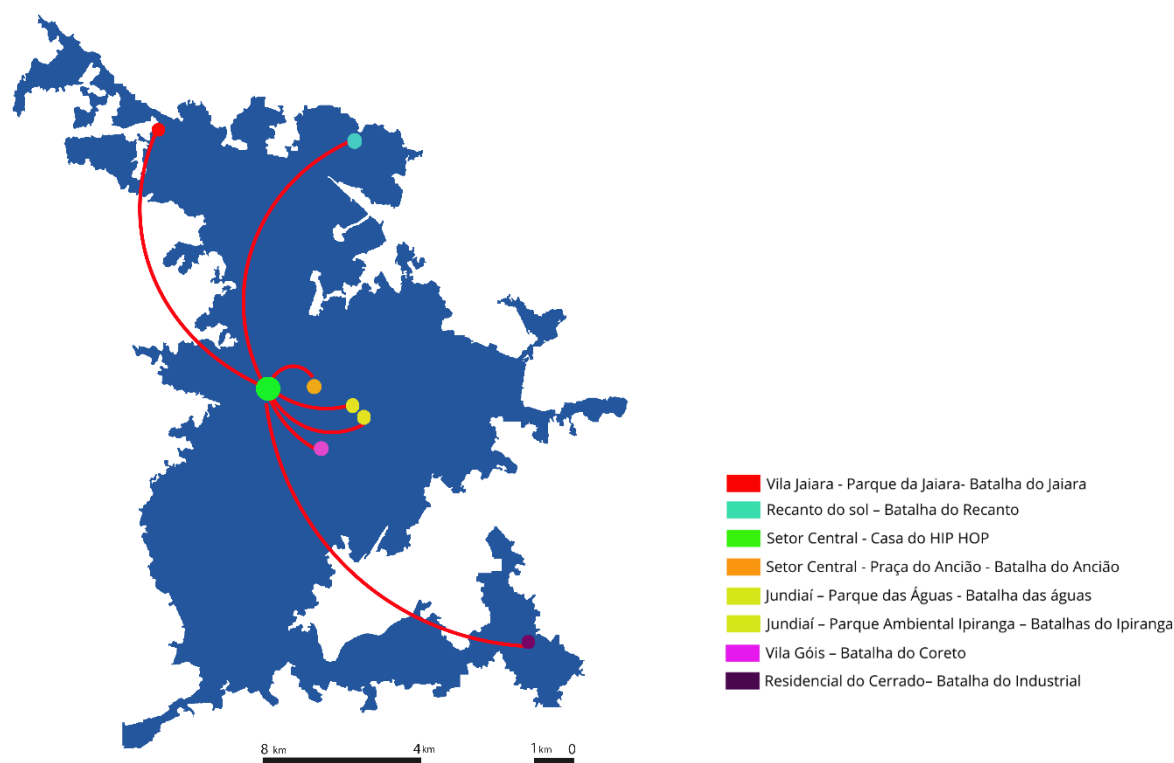
Figura 2: Diagrama de pontos das batalhas



Fonte :Autores (2024)

Na figura 2 percebe-se a concentração de batalhas nas regiões centrais da cidade com três pontos em regiões próximas ao limite da cidade, onde se concentra uma população com menos infraestrutura urbana e social.

Figura 3: Relação das batalhas com a centralidade (Casa do Hip-Hop)



Fonte :Autores (2024)

Ao mapear essas batalhas (figura 3), percebe-se um esforço significativo, especialmente por parte das lideranças, em descentralizar essas atividades. O ponto central que conecta todos os atores do movimento hip-hop é a Casa do Hip-Hop, localizada no centro de Anápolis. Esse espaço reúne todas as vertentes do movimento e funciona como uma escola, desempenhando um papel fundamental na formação de lideranças.

2.3 O discurso o corpo e o território

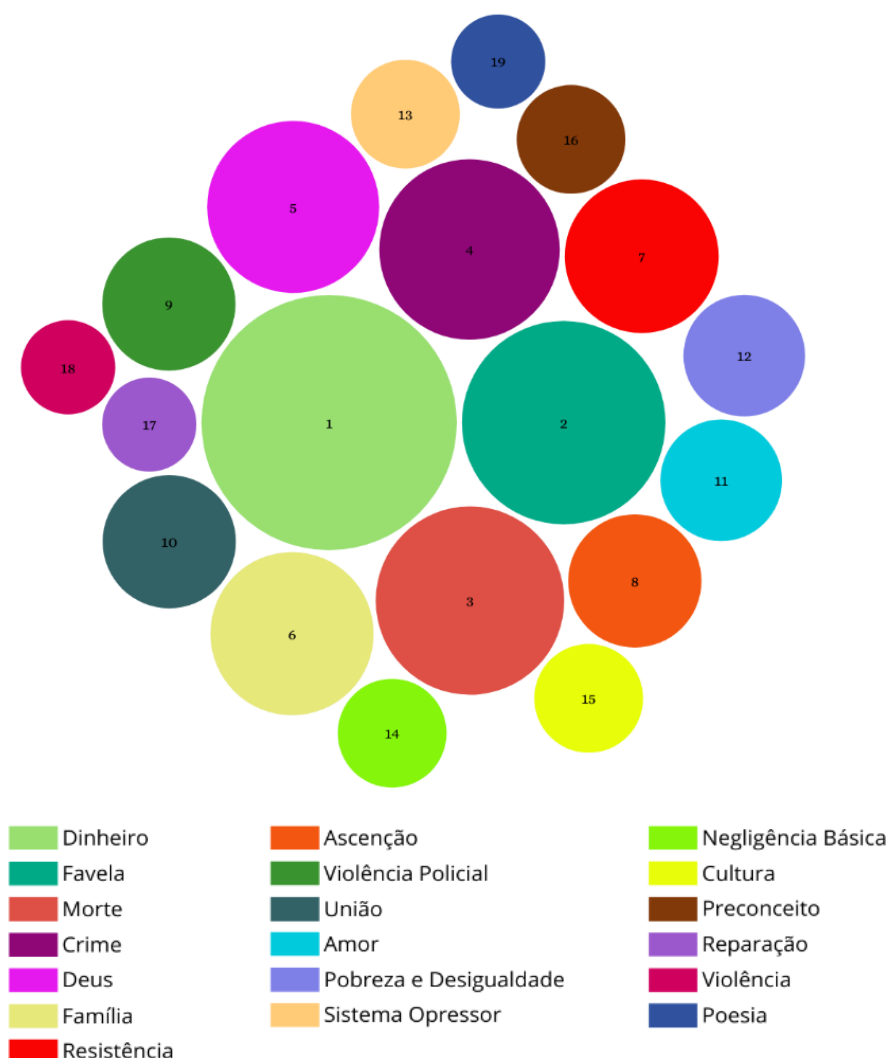
É simbólico que um movimento cultural tão expressivo passe por um processo de invisibilização. O corpo nos espaços urbanos e expressam sua indignação, são submetidos a uma série de processos de violência urbana e estigmatização, tanto de sua estética quanto de suas vivências e representações. É fundamental refletir sobre o recorte racial nos processos segregatórios, que moldam o imaginário social em relação aos corpos do movimento hip-hop.

O racismo, cuja essência reside na negação total ou parcial da humanidade do negro e outros não-brancos, constitui a justificativa para exercer domínio sobre os povos de cor. (Gonzalez ; Hasenbalg, 1982 p. 69)

As pautas abordadas pelas músicas, em sua maioria, são questões sociais e econômicas que afetam diretamente pessoas impactadas por um sistema excludente e colonialista. Villaça (2001, p. 148) aponta que "a segregação é um processo dialético, em que a segregação de uns provoca, ao mesmo tempo e pelo mesmo processo, a segregação de outros. Segue a mesma dialética do escravo e do senhor".

A partir da transcrição de dezoito músicas (figura 4), é possível perceber que a pauta financeira e territorial estão em evidência, no destaque para a temática da ostentação, sonhada por muitos jovens periféricos. Seguidos pela temática favela que se relaciona muitas vezes com a realidade social dos artistas, dentre outros diversos temas sociais relevantes.

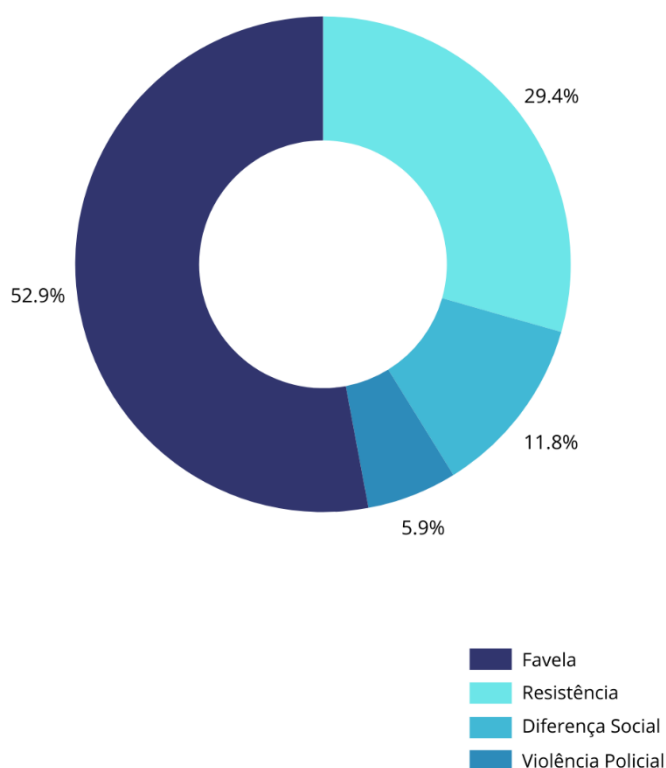
Figura 4: Diagrama de mapeamento dos temas mais citados nas músicas



Fonte: Autores (2024)

Na figura 5 foram elaborados cinco tópicos principais que são essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa. Nesta análise, foram examinados os seguintes temas e contextos: favela, diferenças sociais, violência policial e resistência. Esses tópicos foram propostos com o objetivo de reunir dados que conectam o cotidiano às letras do rap anapolino, evidenciando a maneira como as questões socioculturais são expressas por meio da música. A análise da relevância revelou que o tema Favela corresponde a mais da metade (52,9%) dos temas analisados neste trabalho, seguido de Resistência (29,4%) e Diferença Social (11,8%). Estes resultados indicam que o debate referente à vivência cotidiana territorial está latente nas músicas. A experiência urbana, ligada a exclusão social e violência também se mostram presentes na narrativa do rap em Anápolis.

Figura 5: Gráfico dos temas de relevância



Fonte :Autores (2024)

Torna-se evidente a relação direta que as músicas têm com o território, revelando que uma leitura mais ampla das experiências pode nos mostrar como a vivência das pessoas periféricas em uma cidade como Anápolis também envolve a experiência da violência, das expectativas e da diversidade musical presente.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa possibilitou uma visão abrangente sobre a relação entre território e as letras de músicas do rap na cidade de Anápolis-GO através da vivência cotidiana aliada aos levantamentos das letras e o mapeamento territorial das corpos e agentes sociais envolvidos dentro do movimento hip-hop.

REFERÊNCIAS

- CAZÉ, Clotildes Maria de Jesus Oliveira; OLIVEIRA, Adriana da Silva. HIP HOP: CULTURA ARTE E MOVIMENTO NO ESPAÇO DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA. **IV ENECULT - ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA**, 4, 2008 . Salvador: P, 2008. p. 1-13.
- COSTA, Mônica Rodrigues; MENEZES, Jaileila de Araújo. Os Territórios de Ação Política de Jovens no movimento Hip-Hop. **Revista em Pauta**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 24, p. 199-215, 2009. Semestral.
- CRIOLO e Tropkillas - CLEANE. Direção de Helder Fruteira. Produção de Tropkillaz. Música: Cleane. São Paulo: Oloko Records, 2021. (421 min.), Vídeo, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SBRFdIc1o8E&t=2s>. Acesso em: 20 set. 2024.
- FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Olhar periférico**. 2. ed. São Paulo: Edusp Fapesp, 1999. 277 p.
- GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de Negro**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1982. 115 p.
- OLIVEIRA, Denilson Araújo de. A QUESTÃO RACIAL BRASILEIRA: apontamentos teóricos para compreensão do genocídio negro. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros - Abpn**, v. 12, n. 34, p. 73-98, 30 nov. 2020. Revista da ABPN. <http://dx.doi.org/10.31418/2177-2770.2020.v12.n.34.p73-98>.
- SANTOS, Eduardo Gomor dos. **HIP HOP E AMÉRICA LATINA: Relações entre cultura, estética e emancipação**. 2017. 613 f. Tese (Doutorado) - Curso de Política Social, Universidade de Brasília- Unb, Brasília, 2017.
- SOUZA, Gustavo Henrique de Lima. **A profunda relação entre Anápolis e o Rap**. 2023. Disponível em: <https://labnoticias.jor.br/2023/12/04/a-profunda-relacao-entre-anapolis-e-o-rap/#:~:text=Foi%20com%20sua%20veia%20pol%C3%ADtica,patrim%C3%B4nio%20material%20cultural%20da%20cidade>. Acesso em: 30 jan. 2024.
- VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2001. 373 p.